

A opinião publica! Pois isso que ahí está, póde formar uma opinião; isso é porventura algum publico, fazedor de reputações? Onde estão ahí os corypheus da opinião?... mostre-m'os, senhor barão, disse a espirituosa menina, entre frouxos de riso.

— Está ali o visconde, que acha o drama excellente, segundo elle diz.

— Ah! o visconde... sim? perguntou ella com um ar de graciosa zombaria. Elle tambem mete a sua lóa no theatro, e faz a sua quadrinha... póde formar opinião, póde. Pois eu destouo completamente do juizo do dramaturgo visconde.

Se o drama fosse d'elle, já eu não tinha o incommodo de vir a este theatro de getas. Enganaram-me desgraçadamente.

— V. ex.^a está hoje muito severa.

— Não estou, não, atalhou a deliciosa censora, estou muito agastada contra mim mesma, por vir aqui aturar as tolices do sr. João José.

— Pois olhe, minha querida senhora, eu gosto d'aquella ultima scena, porque o estado da alma d'aquelle pobre rapaz, que se queria suicidar, mostra-me bem o soffrimento de quem ama, e vê fugir-lhe a mulher dos seus intimos suspiros.

Aqui o barão deu á gorda cara uma expressão de internadas amarguras, e aos olhos uma dolorosa tristeza, fitando-os no rosto mimoso de Violante, a ver se ella comprehendia a paixão do seu adorador.

— Então v. ex.^a já soffreu d'amores?

— Soffro ainda, minha senhora, e soffrerei sempre, em quanto que o anjo tutelar das minhas felicidades me não cobrir com a sua aza do céu.

O anjo tutelar e a aza do céu fez sorrir levemente Violante, que perguntou ao pobre namorado com uma zombeteira curiosidade.

— E onde está esse anjo celeste, que lhe inspira um tão fervoroso amor?

— V. ex.^a sabe-o de ha muito tempo. Quem havia de mover-me o coração a não ser a formosura sublime da mulher divina, que eu tenho a fortuna de ver agora ao pé de mim?

— Ah sou eu?... Julgava, que a sua primeira declaração d'amor não passava d'um galanteio de baile, distracção d'uma noute, que desapareceria da lembrança, como um leve sonho, como um passatempo trivial a todos os elegantes, de que v. ex.^a é um invejavel modelo.

— Oh minha senhora! continuou elle sem perceber o escarneo, é um grande e profundo amor, que eu jámais poderei arrancar do coração.

Desejava ter para v. ex.^a todas as perfeições humanas, para que algum dia se dignasse volver olhos piedosos sobre mim, levantar este desgraçado a todos os arrebatamentos da felicidade, que elle em vão procura na escura noute da sua vida,

onde o rosto angelico de v. ex.^a lhe apparece sempre, como a sua unica estrella a irradiar-lhe nos sonhos d'uma presentida ventura. O barão ao terminar este esforço de apaixonado sentir, trabalho de memoria, porque era a repetição do fragmento d'uma carta de namoro, que o seu amigo, o jornalista Luiz, lhe escreveu, limpou o suor que lhe reçumava da testa afogueado, e aguardou uma doce resposta aos seus desentranhados galanteios. Violante ficou pensativa e muda. Elle julgou aquelle silencio de bom agouro e continuou:

— V. ex.^a acredite que eu sou capaz dos maiores sacrificios para lhe agradar.

O meu pensamento de todos os dias e de todas as noutes é... é acordar o amor do seu coração, e...

Interrompeu-o a tempo, porque já estava desmemoriado, uma desenvolta gargalhada á porta do camarote, que se abriu para dar entrada ao amante preferido, o qual, no parecer do barão, era mais feliz por ser magro, e fazer versos. Roberto da Cunha cahiu do setimo céu dos devaneios amorosos, defrontando com aquelle homem, que era o seu rival afortunado, e que era incontestavelmente um bonito homem. Para se equilibrar entre o ridiculo vergonhoso d'uma sahida cobarde e o martyrio de se ver ali, alvo das risadas dos dous amantes, disse para elle:

— Tarda muito o ultimo acto; fazem-nos esperar mais do que valerá o desenlace da comedia.

— O desenlace d'esta pequena comedia, disse D. Violante, é pedir eu ao sr. Eduardo d'Almeida que me dê o braço para sahir d'aqui. Estou enfadada. Desejo ao sr. barão uma agradavel noute.

O infeliz Roberto não estava prevenido para aquelle pessimo desfecho—das suas ardidias esperanças. Soltou um ah! que era uma exclamação de pasmo doloroso, e foi depois vociferar com o jornalista Luiz contra o despejo das mulheres romanticas.

O drama de João José acabou pouco depois entre os berros da plateia endemoninhada, e o auctor foi chamado ao proscenio, e coroado de rosas vermelhas, presente d'um especieiro da terra, que as havia colhido com o intuito de premiar o peregrino engenho. Houve dous poetas que recitaram a João José uma versalhada, em que se fallava muito em genio, glorias de Portugal, espendor das artes, e outras parvoicadas. O dramaturgo ao sahir do theatro dizia entre o sorvo d'uma pitada e um sorriso de triumpho:

— Foi uma noute gloriosa. Desbanquei o visconde.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca

No mar

Dorme em paz, candida rosa,
 Vela-te em noute formosa,
 O alvo manto do luar...
 Ai tão branca, á beira mar,
 Vem a espuma docemente
 Beijar-te a planta mimosa:
 Filha, amor, anjo dormente!
 Erguem-se as brisas da noute
 Perfumadas da floresta,
 Ondula o cabelo humido
 Sobre a face doce e mesta,
 E no collo alabastrino,
 Cahe o orvalho, como a perola,
 Góttá suave d'amores
 Que dos olhos se desprende
 Da noute a todas as flores;
 E tu dormes embalada
 Pelas aguas do oceano
 Pomba fugida; anciada
 Hora do somno, ou engano
 D'alma errante, que te arrasta
 Á praia longe... deserta...
 Levanta-te, filha, esperta
 Porque a vaga somnolenta
 Lá se ergue além, já rebenta
 Contra o rochedo... a tormenta
 Vae sugir enfurecida!
 Cresce a montanha das ondas,
 Ruge do mar o furor ..
 Acorda, anjo da noute,
 Acorda lirio d'amor...

E na rocha o vulto aereo
 Branco, em sonhos desmaiado,
 Não sentia o vento irado
 Levár-lhe os cabellos d'ouro;
 E no seio docemente
 Arfa d'amor o thesouro.
 E a alva espuma do vestido
 Á branda luz do luar
 Mal cobre o corpo esquecido
 N'aquelle triste sonhar.
 Veio a onda namorada
 Beijar-lhe a mãosinha linda;
 Outra veio mais anciada
 Passou adiante, e ainda
 O labio havia esquecido
 Entreaberto n'um sorriso,
 Quando voltou, n'um gemido
 Longo — profundo — infinito!
 Era d'ancia o extremo grito
 Do gózo o suspiro immenso.
 E sobre o abysmo suspenso
 Entre o bramido das vagas
 Lá vae a estranhas plagas
 O anjo da formosura!
 Cerrou-se-lhe a noute escura,
 Quando sonhava nos céus
 A branda luz do luar...
 Cingiu-a o abraço eterno
 Da formosura de Deus.

Dorme em paz, candida rosa,
 Vela-te em noute formosa
 O longo manto do mar.

F. Guimarães Fonseca

CONSIDERAÇÕES**Sobre o brazão da cidade de Coimbra**

OFFERECIDAS AO

Sr. Dr. ANTONIO JOSÉ TEJXEIRA

I

Quando vimos, no anno de 1863, collocado nos chafarizes o brazão da cidade de Coimbra, doeunos o coração, de que o viajante curioso fizesse um triste conceito de nós, habitantes d'esta boa terra, e da sua illustre municipalidade, como pouco entendidos em cousas de historia.

Presidia então á vereação municipal o ex.^{mo} sr. conselheiro Henriques Secco. Expozemos-lhe as duvidas que se nos offereciam, para julgar pouco exacto aquelle brazão; e o illustrado presidente, ouvindo-nos com toda a delicadeza, declarou que na secretaria da Camara verificaria o que lhe expunhamos.

Com mágua vimos, porém, que depois igual brazão foi collocado no chafariz da Praça; e por isso nos resolvemos a apresentar hoje ao publico as nossas considerações. Se ellas não forem justas, esperámos que da secretaria da Camara nos illucidem, a fim de podermos emendar alguns trabalhos que temos ainda em borrão, ácerca d'este ignorado ramo da nossa historia patria.

O brazão collocado nos chafarizes é o seguinte. Em campo de prata um calix; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, coroada de corôa de bicos; á direita serpe, e á esquerda leão rompentés: timbre — corôa *inclassificavel*.

O brazão que julgámos dever substituir por aquelle é o seguinte. Em campo de vermelho calix de ouro; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, de vestes de prata, coroada de corôa ducal; á direita serpe de verde, á esquerda leão de ouro batalhantes: timbre — corôa ducal.

II

O brazão é uma pagina muito viva, onde podemos ler o que o nobre, de acção em acção, de gloria em gloria, ganhou para si, e com honra legou a seus descendentes, para que estes se tornassem imitadores de tamanhas proezas.

E que paginas de lealdade mais heroica, para ler e imitar, do que o brazão com que se honram os Pachecos e Farias! O primeiro mostra que, nem sempre a sorte das armas é necessaria para vencer o inimigo: o segndo, que nem vendo tirar a vida ao que lhe era de mais caro sobre a terra, entrega o castello confiado á sua guarda.

Das nossas conquistas bem alto falla o brazão dos Gamas, Barahonas, Minas, e Cão; e do nosso valor, quer sobre as encapelladas ondas do vasto oceano, quer sobre a larga extensão da terra firme, o brazão dos Mesquitas, Coelhoos, Themudos, Cesares, e muitos outros.

Oh! curvae a fronte diante do brazão dos Macedos! Respeitai-o; porque assim deve fazer o que se preza do bom nome portuguez! Foi elle que firmou a nossa independencia nos campos da famosa Aljubarrota; sellando com o sangue de Sandoval a segunda dynastia dos reis portuguezes.

Com os nobres, tambem os reinos, cidades e villas, tem o seu brazão, com que muito se honram.

Que pagina encontrará o historiador mais gloriosa e brilhante, do que essa que nos legou o sr. D. Affonso Henriques, que até hoje tremula em nossas bandeiras? Não lemos em toda ella o maior dia de Portugal — a batalha do campo de Ourique — onde sobre innumerados cadaveres se levantou uma nação, que pelas suas conquistas fez tremer o mundo? N'essa orla sanguinolenta, sobre que assentam os castellos de ouro, não lemos as façanhas, muito para imitar, do mestre de S. Thiago, D. Paio Correia, na conquista do Algarve, e o engaste de mais este florão na corôa portugueza pelo sr. D. Affonso III?

Monção, a muito leal, a filha predilecta do sr. D. Affonso III, ainda muito se ennobrece com o brazão legado por essa ascendente dos Palhares — Deu la Deu Martins — que, qual outra mulher forte da biblia, já sobre a alta muralha com ardid, já sobre o campo com a espada em punho, obrou proezas de um acrisolado valor, fazendo levantar o cerco, e pôr em vergonhosa fuga o adiantado da Gallisa, Pedro Rodrigues Sarmiento, e o seu numeroso exercito.

Como esta villa, tambem a cidade de Coimbra tem por brazão uma mulher.

III

Do brazão da cidade de Coimbra, dizia Mariz em seus dialogos: «que era uma das cousas a que não sabia causa; e que houve muitos, que querendo dar-lh'a ficaram tanto áquem da verdadeira significação, que o maior fructo, que de suas opiniões colheram, foi serem uns louvados de artificiosos poetas, e outros de engenhosos moralisadores; e uns e outros de irem n'aquella materia totalmente afastados da verdade.»

E qual é a verdade? Nem elle mesmo o disse. Seguiu a tradição que diz: — Andando Ataces, rei dos alanos, occupado na reedificação da sua nova cidade de Coimbra, veiu com mão armada dar-

lhe a batalha Hermenerico, rei dos suevos em Galliza; e tal combate se deu entre os dous exercitos, que obrigou Cindasunda, filha de Hermenerico, a lançar-se entre os dous combatentes, pedindo paz. Ataces não duvidou dar-lh'a a troco da mão de esposa d'aquella que tamanho milagre tinha feito.

Para memorar esta acção, o rei dos alanos quiz que este facto não fosse olvidado; e passou-o á posteridade no brazão, que legou á sua cidade de Coimbra.

Historia que todos os escriptores relatam, e que chegou até nós, sem que algum a podesse provar em face do brazão.

No que vamos escrever, não poderemos ser louvados de *artificiosos* poetas, nem tão pouco de *engenhosos* moralisadores. Fallaremos a linguagem que nos diz o brazão; e com ella provaremos a verdade, com que alguns historiadores escrevem, e a exactidão do que julgamos verdadeiro brazão da cidade de Coimbra.

Dissemos que o campo do brazão, sobre que assentavam as insignias devia ser de vermelho e não prata; porque esta côr na armaria a primeira e mais nobre, representa esse sanguinolento combate, havido entre alanos e suevos. Ainda mais. Ella mesma nos apregoa a victima alcançada por Ataces, depois de muito batalhar, e a paz dada por este ao seu rival.

De sangue, era a bandeira sobre que assentava o féro leão de Ataces: e se este rei foi quem compoz o brazão, convencidos devemos estar, que não substituiria o campo de sangue pelo de prata, o qual em armaria tem diversa significação.

Sobre o campo vermelho assenta calix de ouro. Este significa as bodas e grandes festas, que se fizeram pela occasião das nupcias de Cindasunda, filha do rei Hermenerico, com Ataces, rei dos alanos; significa esse *bodano* ou *boddab*, que se fez pela paz, tornando amigos dous povos, que antes se odeavam do coração.

A figura dentro do calix, de mãos postas, e olhos elevados ao ceu, representa as preces mui agradecidas que a virgem envia ao Senhor, pelo acabamento da guerra. E o ser o calix de ouro, é porque este metal, em ordem o primeiro, significa nobreza, fé, sabedoria e grande poder. E todos estes dotes brilhavam em Ataces, açoute dos romanos.

Dissemos, que as vestes da virgem deviam ser de prata, porque este metal, em ordem o segundo, significa innocencia, pureza e castidade. E estas virtudes, tinha-as a virgem, que era a perola mais fina, engastada na corôa do rei dos suevos; preciosissimo thesouro, que Ataces sentia orgulho em possuir.

A virgem tem na fronte corôa ducal; e isto (é o brazão da porta d'Almedina que nol-o diz) é

uma prova, nada equívoca, de ser filha de reis a donzella que alli está; porque em regra só estas podem ser coroadas de corôa ducal, e fazer uso d'ella em seu brazão. É um documento, que a antiguidade nos legou, e que bem quizeramos respeitado, para a não vermos, como hoje, substituída por uma *corda de bicos*, sem significação possível em heraldica.

Bem combinadas estão as insignias; e mau grado as vemos completamente deslocadas. A serpe de verde era a insignia, que em suas bandeiras trazia Hermenerico, e como insignia do pae só podia occupar a direita, que é o lugar mais honroso no brazão. Á esquerda fica o leão de ouro, insignia de Ataces; e se como dizem os historiadores, foi este rei quem compoz o brazão, e o deu á sua cidade de Coimbra, é claro que n'elle devia occupar infimo logar.

Resta-nos fallar da corôa, que assenta sobre o brazão como timbre.

(Continúa)

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.

CHRONICA

A redacção não é responsavel pelas opiniões emittidas na chronica, que é exclusiva do chronista: é o lugar, que lhe dão, e ali pôde elle manifestar seja o que for sem ser solidario com pessoa alguma.

Aos agudos ingenhos, que leram a minha ultima chronica, pareceu ella — incrível:

aos mediocres — absurda:

aos *galants* officiosos — incivil:

aos que só dizem o que ouvem — contradictoria:

aos homens de lettras — estúpida:

aos illitteratos — exagerada:

ás actrizes — injusta:

aos inimigos — indigna de ler-se:

aos amigos — franca, sincera e justa.

Se eu tivesse de responder a todos ficava-me a consciencia inquieta, porque podia demonstrar com tal proceder, que a chronica nem foi pensada, nem reflectida. Pois, em boa hora o diga, foi uma e outra cousa. Pensei-a, porque só escrevo o que penso; reflectia, porque só digo depois de reflectir.

O desempenho da Rainha Sancta foi bom, mas não sem defeitos; se os não tivesse, seria optimo.

As actrizes fizeram o que disse, nem mais nem menos: os actores Alves, Amaral, Jacintho, Dias, Pereira, e Oliveira bem executaram o que o papel lhes impunha.

É tão raro e desusado dizer-se a verdade, e só

a verdade, que causa estranheza, quando ella é amarga, não se encobrir com o véu da lisonja, que é sempre o da mentira.

Comtudo é forçoso que o homem seja franco e imparcial no que profere — é lei, que não postergo — quem não gostar de ler não leia, quem se doer, é porque applicou á si a phrase picante, o dicto, que reprehendeu, o vocabulo que feriu, ou a chronica que censurou.....

Qui potest capere, capiat.

Os adagios populares tem certo character d'absoluto, que não falha: dá-lh'os a serie d'experiencias, que no espaço e tempo se produzem, e que depois são respeitadas, tidas e havidas como ontologia social: trago isto a pello para dizer que sempre tive como certo que «quanto maior é a nau, maior é a tormenta». Aquelle naufragio do Leviathan veio corroborar o meu pensar!

Mas isto a proposito de que? Eu digo já.

Era d'uma vez um homem que foi visitar os palacios da litteratura do seu tempo, viu-a rodeada d'arabescos, divisou-lhe infeites, que mal lhe diziam, enxergou fabulas, que a mesclavam, tropeçou em punhaes, que a ensanguentavam, fitou os tyrannos da sua comitiva, ouviu-lhe as mil imprecações, que proferia, os muitos crimes que registrava, e apesar de tudo isto agradou a esse homem o consorcio com tal deidade!

É por que elle bem sabia que d'essa mutua aliança longa descendencia devia apparecer, e que traria á sociedade a sua regeneração.

Dicto e feito: — realiado o consorcio, foi grande a geração, que nasceu, e immensos os beneficios, que d'ella resultaram.

O esposo chamava-se — Garrett:

A esposa — litteratura:

Os filhos foram Catão, D. Branca, Camões, Gil Vicente, Alfageme e muitos outros, que boa vida vão vivendo.

Em 1843 nasceu um dos filhos mais predilectos do Visconde d'Almeida Garrett.

O *baptizado* foi solemnemente festejado: a 6 de Maio de 1843 recebeu a sua *confirmação* pelas mãos do Conservatorio Real de Lisboa: entrou em *communhão*, pela vez primeira, a 4 de Julho do mesmo anno; tem feito *penitencia* por longo tempo, por se convencer que era peccado o promptificar-se a qualquer companhia que o sollicitasse; — de ha muito que não apparecia: foi requestado para contrahir o *matrimonio* no theatro normal, e só os requebros d'uma Emilia lhe faziam esquecer os galanteios de D. Maria da Conceição de Sá: a voz potente da actriz portugueza seduziu-o a ponto de ser bigamo: *ordenou-se*, que para castigo d'elle seria motejado e escarnecido, exposto á gar-

galhada publica: e foi, porque não ha theatrinho onde elle não appareça, não ha saltimbanco que não o ame: tem soffrido e muito; a *penitencia* é sempre o seu ultimo remedio.

Eil-o porém que nos apparece hoje com vida: eil-o dando attenção ás finezas d'outra dama.

Esta virtude, que elle tem de amar a mulher intelligente, foi-lhe legada por seu pae...

Oh! o visconde de A. Garrett nunca desprezou os sorrisos d'uma dama, como nunca deixou de respirar, soffrego, o aroma d'uma *rosa*!!

Frei Luiz de Sousa estava, de ha muito, retirado á vida privada; a sua existencia era nas bibliothecas: foram-no buscar, e o seu apparecimento foi, como é velho costume entre nós, recebido com a saudade pelo auctor e com a alegria de quem ama a eschola, que elle creou.

Foi exhumado para o beneficio dos actores Amaral e Dias. A plateia competentemente cheia anhelava porque lhe contassem em scena o que antes de para lá ir tinha ido no livro. Foi e escutou.

Pela singularidade do personagem, pela ideia que representa, pelo fim, com que o auctor o escreveu, o papel de Maria de Noronha chama todas as attensões sobre elle. É a filha de D. Magdalena de Vilhena, e de Manuel de Sousa: tem *treze annos*, e está *phthysica*:

Tem talento, que espanta, uma *viveza de espirito*, que faz admirar o fiel escudeiro (scena 1.^a, acto 1.^o): *comprehende tudo* (idem): *tem ingenho, dotes admiraveis*, que a mãe contempla (idem).

Vou dizer francamente, o que sinto.

Ao entrar pelo theatro eu relembra a « que a ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita, nem se pinta, no pensar do sr. Rebello da Silva, e que se escreve só uma vez » — e eu perguntava a mim mesmo se a actriz poderia reproduzir tal scena?

Analysemos, começando pelo vestuario.

Maria appareceu em scena como se fosse uma menina trajando á actualidade; não havia n'ella uma cousa que a harmonisasse com sua mãe.

Os cabellos dos *treze annos* não são assim: se os queria annelados para tornal-os curtos o frisado não era bastante para no primeiro acto se distinguir do ultimo, e no ultimo é que o auctor diz: — *os cabellos soltos* — para dar a entender ou que nos outros actos anteriores os não devia trazer assim, ou que, embora os trouxesse tambem soltos, no acto 3.^o o desalinho do cabello não devia parecer-se como penteado usual do 1.^o e do 2.^o: e tão em desalinho os trazia, que os caracoes, que lhe pendiam de lado, estavam sempre incommodando a actriz, e ella sempre com a mão a affastal-os: é porque lhe faltava a *classica*

fit de veludo, rodeando-lhe a testa, e sendo-lhe prisão para o cabello.

As rosetas ethicas, que já devem conhecer-se no 1.^o acto, e que só no 3.^o tem de ser inflammadas não se notaram, e Telmo tem de dizer « que febre... e aquellas rosetas nas faces!... »

O feitto do vestido é improprio para a doente que tantos carinhos deve a sua mãe, e que tantos, cuidados lhe dá a saude da filha, por quem receia até a nova, com que ella se possa affligir; tanto era o cuidado pela sua saude — tanto mais attenção lhe devia merecer o seu vestuario; e até para conservar a unidade do traje ha por ventura, harmonia entre a mãe, carregada de veludo e a filha, vestida de seda côr de rosa, decotada, e manga curta? uma d'ellas está mal.

O sapato, que Maria calça, não é d'aquelles: ou é *de setim branco* e fita entrelaçada um palmo acima do peito do pé, ou de *duraque preto* e fita disposta do mesmo modo: onde é que alguem viu uma menina de *treze annos*, braço e peito a descoberto, vestido de côrte côr de rosa, no pino do verão — pleno Agosto — e *sapato preto de polimento*?

A meia devia ser de seda: supponho que o não era, já indaguei, não tinham reparado, e eu estava longe, não podia bem distinguir.

Um celebre disfarce de renda branca, que leva quando vae com o pae a Lisboa, é de ridiculo effeito e improprio: vae uma sacola ao braço d'uma Derothea para resguardar do frio a menina, e esta ao sahir de casa para embarcar, quando o *tempo mudava tão depressa* (scena 10.^o do acto 2.^o) e quando a mãe lhe que diz tome sentido no ar para que não se esfrie (scena 6.^a, acto 2.^o), vae tambem decotada e manga curta, gorra de *blond branco*, e mantilha branca!!!

Deixemos o vestuario e vamos ao desempenho.

Eu applaudi a actriz.

Que não vá mexeriqueiro algum dizer-lhe o contrario, que mente; saudei-a com as minhas palmas, e embora de pouco valham ellas hoje para a sr.^a C. Velloso, ainda que só tiveram merecimento em épocas de tempestades partidarias em que eu fui acerrimo defensor de seu talento dramatico, comtudo pesava-me na consciencia grande remorso se não palmeasse o talento em toda a sua altura.

No papel de Maria viu-se como ella estudou, como lançou mão dos recursos, que tem, como chamou em seu auxilio a força intellectual, que possui: concebeu, e produziu o que estudou.

Fez o que eu sempre esperei, comprehendeu que era assim o papel e executou como entendeu.

Comtudo a sr.^a C. Velloso ficou muito distante de realizar o typo de Maria: excuse-me a actriz

do que lhe digo, mas a verdade é esta e só esta; tudo o mais será lisonja e por tanto mentira.

Fez uma Maria de 20 annos, foi muito, foi uma victoria o esforço: — applaudi.

A voz que o ensaio chegou a fazer aguda, conhecia-se que não era de 13 annos: nas declamações de força faltava, vinha a natural — e Maria já não tinha só 13 annos, a idade subia.

A creança transformava-se em mulher, e n'este estado a sr.^a Velloso foi inexcedivel: e eu sei que podia conceber como o papel seria feito; mas sei que lhe era impossivel executal-o.

A fé, a ironia, o riso, o talento, e a agudeza, que o papel reclama, appareceu em scena, mas não foi como o que o auctor pintou no typo de Maria.

Foi a fé, que tem a mulher adulta, a ironia de quem conhece, o talento, que dá a idade a agudeza da experiencia, e em Maria tudo era espontaneo!

Disse por exemplo não muito bem o fim da scena 5.^a do acto 2.^o

Fria!.. quando ella estiver deca!

Mas vamos ao final do drama á scena 11.^a do acto 3.^o: admirei-a, foi sublime no que fez e no que disse; mas não disse nem fez o que era.

Declamou a falla como artista, que é, e para um papel, que pedisse mais de 13 annos o desempenho era de arrebatat: disse... «Mãe, mãe, eu bem o sabia, nunca t'o disse» de modo igual como declamou no Casal das Giestas a carta, que lia ao pae, entre soluços e lagrimas, chorando a bom chorar, e eu por coherencia applaudia-a, como a tinha louvado no desempenho do Casal.

A falla toda é perfeitamente declamada, e eu sempre me sinto arrebatado quando diz: «Mãe, mãe, tu não has de morrer sem mim»... e o «mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae» é proferido de tal maneira, que a sr.^a Velloso nada deixa a desejar.

O defeito, que se possa notar n'aquelle papel, vae recahir em quem distribuiu o drama, a actriz não é culpada, escolhida que fosse para o fazer, restava-lhe estudar, e isso fez, e isso é o que louvamos.

O escudeiro — Telmo Paes — coube ao sr. Alves; e, segundo entendo, foi feliz não só na caracterisação, mas no dizer o papel como o disse e sem levar o meu elogio ao exagéro, que logo se vê que é falso, sempre direi que foi um dos que mais se approximou do papel que escreveu Almeida Garret. Teve momentos verdadeiramente dramaticos: citarei coma prova na scena 1.^a aquella falla em que elle, sem depreciar Manuel de Sousa Coutinho, dá preferencia a D. João de Portugal: depois a scena 4.^a e 5.^a do acto 3.^o

são desempenhadas pelo actor com certa distincção: a prece por Maria de Noronha, o reconhecimento de D. João, a hesitação em dar parte de que o Romeiro era um impostor, tudo isto é bem feito, e tudo é bem dramatico.

O Romeiro — o sr. Amaral — luctava com a opinião anticipada do proverbial — *Ninguém*: — como dirá elle o — *Ninguém* — perguntavam todos, e supponho que disse o *Ninguém* como ninguem; e ainda assim parece-me que todos tem uma maneira especial de o dizer — elle disse-o bem, a plateia mostrou-lh'o; eu não o diria assim, fazia o acento na primeira syllaba, demorar-me-hia n'ella, arrastaria o — *Nin* — e não escolheria a ultima para demora do som: com tudo cada um é que entende pelo estudo, que faz d'uma difficuldade, como se ha de sabir d'ella.

A scena 5.^a do acto 3.^o com Telmo é reproduzida com muita arte — bem declamada é sempre de effeito: como o sr. Amaral diz bem:

«E porque não, se já me pèza a mim d'ella, se tanto me pèza ella a mim?»!

Não lhe approvo a caracterisação — similhava-se muito ao longe, com uma figura, que eu vi n'um almanack, em que o espirituoso auctor comparava o reino animal com o hominal — e trazia uma cara, que apresentava os traços leoninos; assim no Romeiro; não gostei do typo: cabelleira de estopa já não é muito da moda, e se a desculpa de trazel-a está nas fallas da scena 5.^a do acto 3.^o, em que Telmo se espanta da alvura do cabello e barba, e para o que só a noute depois da batalha bastou — a crina branca era de muito mais effeito, mais decente e não parecia, pelo escorrido, que lhe tinha cahido agua.

Que boa não era a cabelleira do sr. Alves! Era diferente, porque era annellada, mas a outra por o não ser, não é conclusão que fosse de estopa.

O padre — o sr. Oliveira — mostrou, que tinha estudado, não é dos mais principaes personagens, andou bem e não se tornou saliente no meio dos seus collegas, acompanhou os, e no que fez foi igual aos outros.

Comtudo porque será que a caracterisação é esquecida em quasi todos? e sinceramente o digo, tirando o sr. Alves eu não vejo quem se importe muito com ella.

Continuaremos no proximo numero; mas antes de rematar participo aos leitores, que não viram a comedia — O baptizado — que a sr.^a Maria da Luz fez de parteira e chamava-se Anicetta! Até breve.

J. Valle